



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

JOSEANE CAMPÊLO DA SILVA

**O REAL E O FANTÁSTICO: UMA LINGUAGEM LÚDICA LADO A LADO COMO
FORMA DE EMANCIPAÇÃO DO LEITOR EM *REINAÇÕES DE NARIZINHO***

CURRAIS NOVOS-RN

2017

JOSEANE CAMPÊLO DA SILVA

**O REAL E O FANTÁSTICO: UMA LINGUAGEM LÚDICA LADO A LADO COMO
FORMA DE EMANCIPAÇÃO DO LEITOR EM *REINAÇÕES DE NARIZINHO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Elaine Santana de Oliveira

CURRAIS NOVOS - RN

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido à perseverança, força interior e discernimento para continuar na busca do saber.

Agradeço também, aos meus familiares, em particular aos meus pais e irmãos, pelo apoio incondicional, pela força e carinho.

Agradeço ainda, a todos os meus professores da educação infantil à graduação, tendo em vista, que todos contribuíram para que eu me tornasse a profissional capacitada que estou me tornando a cada dia.

Agradeço aos tutores presenciais do Polo de Currais Novos/RN e a minha orientadora Prof^a Ms. Elaine Santana de Oliveira, pela colaboração na construção deste trabalho.

Por fim, agradeço especialmente aos meus amigos: amigos próximos e distantes, colegas de curso, aos mediadores, facilitadores e coordenadores do Programa Novo Mais Educação, colegas de jornada profissional e Bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Com destaque as amigas de todas as horas, Gislaine Mirele e, às de curso e da vida: Vanessa Mendes, Xenia Liane e Francisca Vandir, com destaque, ainda mais especial, a meu namorado Adriano Medeiros, o qual sempre carinhosamente me compreende e apoia.

RESUMO

Joseane Campêlo da Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

O presente estudo teve como finalidade analisar dois dos capítulos que compõem a obra *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato: *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*. Nesta análise, buscou-se especificamente, apresentar algumas reflexões acerca da interface do real com o imaginário presente tanto nos capítulos quanto na obra, bem como mostrar a importância de se trabalhar em sala de aula o texto literário em consonância com as vivências sociais dos educandos. Em termos metodológicos, a pesquisa assume uma abordagem de cunho qualitativo de acordo Gressler (2003), enquadra-se também quanto à classificação da pesquisa como bibliográfica segundo Oliveira (2007). Neste sentido foram realizadas leituras teóricas de texto como: *A literatura infantil na escola e a Literatura Infantil Brasileira*, ambos de Regina Zilberman; *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* da referida autora e de Ligia Cademartori; *O imaginário no Poder: as Crianças e a Literatura Fantástica* de Jacqueline Helder, entre outros. Posteriormente buscou-se realizar uma leitura criteriosa da obra com ênfase nos capítulos em análise. O passo seguinte foi trazer evidências da interface da fantasia e do real presente nos capítulos: *Narizinho arrebitado* e *O Sítio do Picapau Amarelo*. Por fim, discorreu-se a respeito da importância de se trabalhar com o texto literário em sala de aula considerando o contexto situacional em que os estudantes estão inseridos. Essa pesquisa fundamenta-se na perspectiva teórica defendida por Coelho (2000; 2011); Helder (1980); Magalhães e Zilberman (1987); Zilberman (1981), dentre outros. Os resultados da pesquisa apontaram que a interface entre fantasia e realidade e, principalmente o uso de uma linguagem lúdica, simples e direta, com um tom de coloquialidade e humor é o que entusiasma os leitores a ponto de captar sua atenção, ao mesmo tempo em que o diverte, fazendo assim, com que se tornem leitores ávidos em atribuir sentidos as histórias, o que possibilita a emancipação do leitor e contribui com sua formação, tornando-os desse modo, cidadãos mais críticos e capazes de assumir uma postura diferenciada diante da produção literária infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Real e Fantástico. Emancipação do Leitor.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: joseanecampelo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1920 a Literatura Infantil Brasileira passou a adotar inovações em sua estética, as quais romperam com o tradicionalismo pedagógico. Desde então, o texto literário infantil usado como literatura escolar tem ganhado novas feições no plano da retórica e do ideológico. Faz parte dessa nova roupagem literária uma linguagem diferenciada, bem como, afetiva, humorada e espontânea, a qual é capaz de captar a atenção do leitor, ao mesmo tempo em que o diverte.

Tomando como pressuposto, esse novo panorama literário que se evidencia no campo dos estudos da literatura infantojuvenil na atualidade, o referido trabalho tem como objetivo apontar algumas reflexões no que diz respeito à interface entre o real e o imaginário presente na obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato (2011), especificamente, nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*.

A escolha desse livro como material de análise deve-se ao fato dele ser considerado um marco na Literatura Infantil, assim como, por tratar-se de um exemplar em que o seu autor resgata mediante um maravilhoso jogo de intertextualidade parte do patrimônio cultural da humanidade, possibilitando o encontro do leitor com inúmeras personagens da ficção que invadiram o Sítio de Dona Benta, local escolhido por Lobato (2011), como referencia geográfica para as aventuras das personagens.

Para a realização do estudo, adotou-se como objeto de análise apenas dois dos 11 capítulos que compõem a obra - *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, sendo: *Narizinho arrebitado* e *O Sítio do Picapau Amarelo*. Utilizou-se o paradigma indiciário, levando-se em consideração que não interessa quantificar recorrências, nem tampouco estabelecer generalizações, mas apontar algumas reflexões acerca da fusão do real com o imaginário que se apresentam nas histórias. Nesse sentido, a pesquisa assume uma abordagem de cunho qualitativo Gressler (2003, p. 43).

Quanto à seleção dos capítulos transcorreu em função do fato de que neles Lobato (2011) utiliza-se de uma linguagem lúdica, onde fantasia e realidade se misturam, permitindo assim, que o leitor ao mesmo tempo em que se diverte também se liberte das limitações impostas pela literatura pedagógica, a qual foi

pregada em sala de aula até o início do século XX e não permitia que o leitor adotasse uma posição crítica em relação ao texto literário infantil.

Nessa perspectiva, a escolha dos referidos capítulos considerou também o fato de tanto no capítulo *Narizinho arrebitado* quanto em *O sítio do Picapau Amarelo* haver descrições extraordinárias de aventuras e personagens inusitadas com uma grande riqueza de detalhes que evidencia a fusão da fantasia e do real, colaborando assim com a reflexão aqui proposta.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de agosto a setembro de 2017. Para efetivação desta análise realizou-se a leitura de toda a obra, no entanto, por questões de proporção e riqueza de detalhes, optou-se por realizar o estudo apenas nas duas histórias mencionadas, já que nelas há uma gama de dados que possibilitam o estudo.

Esse foi embasado nas leituras de livros teóricos como: *A Literatura Infantil na Escola* de Regina Zilberman (1981); *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* da mesma autora e de Ligia Cademartori Magalhães (1987); *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988); *O Imaginário no Poder: As Crianças e a Literatura Fantástica* de Jacqueline Helder (1980), entre outros.

O referente trabalho foi estruturado em duas etapas, na primeira, discorreu-se a respeito da fantasia e do real presente na obra, além disso, foram apresentadas possíveis hipóteses explicativas no que se refere ao uso de uma linguagem lúdica como forma de emancipação do leitor. No que compete à segunda etapa, falou-se sobre a importância de trabalhar a Literatura Infantil de forma contextualizada em sala de aula.

Desse modo, este trabalho contemplará os seguintes tópicos: 1) A fantasia e o real: algumas reflexões teóricas; 2) Resumo comentado da obra; 3) A fantasia e o real em análise nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*; 4) A importância de trabalhar em sala de aula o texto literário em consonância com as vivências sociais, e por fim, as considerações finais.

2. A FANTASIA E O REAL: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Considerando que esta pesquisa fundamentou-se nos postulados teóricos sobre o emprego da linguagem como arte literária e como forma de emancipar o leitor, adotou-se como fundamento teórico os postulados defendidos por Coelho (2000; 2011); Helder (1980); Magalhães e Zilberman (1987); Zilberman (1981), dentre outros teóricos.

Quando Lobato em 1920 lançou *A menina do nariz arrebitado*, seu primeiro livro, uma história que se utiliza de uma linguagem que impressiona tanto no plano da retórica, quanto no da ideologia, ele rompeu com os cânones pedagógicos da Literatura Infantil. Assim, com a publicação de *Reinações de Narizinho*, em 1931, ele só veio consolidar esse rompimento, uma vez que além dele respeitar a inteligência das crianças e dos jovens, dando-os voz e vez, possibilitou desse modo, que tivessem um convívio com os adultos de igual para igual, trazendo também em sua narrativa um novo modelo de literatura, o qual conta histórias de maneira simples, direta e fantástica sem afastar-se da realidade social.

Assim, para Magalhães e Zilberman (1987, p.135), “a arte literária é concebida como modificação da percepção do mundo que nos rodeia”, ou seja, é por meio do emprego de uma linguagem simples e direta, mas que causa estranhamento/admiração no leitor que a Literatura Infantil busca despertar sua atenção, e assim, libertá-lo das imposições sociais que a literatura pedagógica empregou até o início do século XX.

Desse modo, o uso de uma linguagem afetiva e próxima do discurso oral possibilita a criação de novas expectativas de leitura nas crianças, as quais até então, não tinham acesso a obras literárias que permitisse esse tipo de liberdade. O que sem dúvidas desperta no leitor um enorme interesse e estranhamento.

Sobre esse estranhamento Zilberman (1987, p.64) diz que ele “advém dos artifícios empregados” no texto, marcados pelo emprego de uma linguagem carregada de fantasia e de realidade, a qual ao mesmo tempo em que diverte o leitor também o constrói enquanto protagonista emancipado. E sobre a arte literária Zilberman (1987, p.64) aponta que “resulta de uma série de procedimentos ou artifícios utilizados pelo escritor”. Nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo* os artifícios que despertam a admiração no leitor se presentificam mediante o uso de uma linguagem lúdica carregada de fantasia e realidade, o que

pelo motivo de despertar um expressivo interesse e curiosidade no leitor, e assim, contribui não só para que ele torne-se um leitor interessado em desvendar, juntos com as personagens fictícias o mistério das narrativas, mas também faz com ele embarque na história de tal forma, que em muitos momentos chegue até a confundir realidade e ficção.

Segundo Coelho (2011, p.47, grifos do autor), “o ludismo predomina na arte literária alimentando-a e transformando-a na *aventura espiritual* que toda verdadeira criação deve ser”. Nesse sentido, de acordo com o autor, o lúdico configura-se como um recurso literário que oferece a possibilidade do leitor adquirir, conhecer ou relembrar fatos reais ao mesmo tempo em que se apossa da fantasia narrada nas obras literárias.

Desse modo, acredita-se ser esse ludismo que também proporciona ao leitor o efeito de estranhamento que, de certa forma, desperta nele a necessidade de promover a intertextualidade literária e histórica. Sobre esse efeito linguístico, Zilberman (1987, p.65) afirma “que todos os artifícios voltados ao estranhamento deveriam provir necessariamente da operação exercida com a linguagem, matéria-prima da literatura.”

Já Coelho (2011, p.46) diz que “a literatura infantil é a arte que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor”. Ou seja, ela reafirma o que diz Zilberman (1987); Helder (1980); Magalhães (1987), entre outros estudiosos da literatura infantil: que o texto literário, neste caso, os capítulos em análise, bem como o Livro *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato (2011) contribui com a formação crítica e social da criança e também do adulto, sem deixar de lado a fantasia, a diversão e o prazer da leitura.

Para Magalhães (1987, p.144),

A adequação entre o texto e o leitor infantil parece depender de dois aspectos determinantes para despertar o interesse da criança: propiciar um processo de identificação com a personagem e preencher, através da leitura de mundo que é do texto, as grandes lacunas de compreensão e de pensamento.

Ou seja, para a autora o texto literário é interessante para as crianças quando traz em seu enredo a fantasia contextualizada a realidade social e histórica

da criança, bem como, quando esse texto preenche os vazios deixados pelos ensinamentos e vivências.

Sendo que, tanto no capítulo *Narizinho arrebitado*, quanto em *O Sítio do Picapau Amarelo* a interface de fantasia e realidade acontece do início ao fim. Pois, essas histórias estão permeadas desta mistura. O que acontece principalmente quando se analisa o comportamento e as ações que envolvem a boneca Emília e a protagonista Narizinho.

Destarte, por meio da leitura desses capítulos e, por que não dizer de toda a obra, as crianças podem compreender o mundo a partir da fantasia repleta de realidade e, desse modo, construir significados sem deixar de exercitar a imaginação, e o mais importante, à leitura prazerosa.

3. RESUMO COMENTADO DA OBRA

Logo no primeiro capítulo Lobato (2011) mostrou um pouco do diferencial de sua obra. Por meio de um pseudônimo apresentou-se de forma sucinta para o leitor, estabelecendo com este um diálogo e aconselhando-o a procurar um dicionário e fazer uma pesquisa quando não entendesse algumas palavras.

A seguir, Lobato apresentou *Reinações de Narizinho*, atiçou a curiosidade do leitor e o envolveu em meio às peripécias que o autor imaginou e que foram vivenciadas pelos exóticos e divertidos personagens que compõem a história: Narizinho, Dona Benta, Anastácia, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, doutor Caramujo, entre outros.

Feitas as referidas e instigantes apresentações, com o uso de uma linguagem simples, reflexiva e carregada de sentidos, o autor iniciou o terceiro capítulo *Narizinho Arrebitado* mostrando a vida pacata e tranquila da Dona Benta, a qual parece ser uma senhora feliz, ao contrário do que muitos aparentam pensar.

Quando o autor narrou o comportamento de Dona Benta fez-se inferir que a felicidade muitas vezes está presente nas pequenas coisas da vida. O que muitas pessoas, principalmente no mundo moderno em que se vive não valorizam. Desse modo, Lobato mostrou o quanto à vida simples e rodeada das pessoas de quem se gosta e do que se ama faz bem e proporciona prazer.

Lobato (2011) ainda destacou que a felicidade de Dona Benta, uma senhora que estava sempre feliz e pronta para ajudar a quem dela precisava, se deve principalmente ao fato de viver no Sítio na companhia de sua encantadora neta Lúcia, uma menina que não levava desaforo para casa e que era muito estimada por todos, em especial, por Dona Anastácia, uma senhora muito respeitada pela menina e por todos os habitantes do Sítio. Respeito atribuído, principalmente, à forma carinhosa com que ela os tratava e em função dos deliciosos quitutes que a cozinheira de mãos de fada produzia.

A continuação da obra construiu-se, na sua grande parte, por um fantástico e provável sonho imbuído de realidade, o qual foi proveniente de uma visita que a protagonista Lúcia, menina do nariz arrebitado e personagem principal da obra *Reinações de Narizinho* fez ao Reino das Águas Claras, depois de dar comida aos peixinhos na beira da lagoa e deitar-se no local com sua boneca de pano no braço.

Desse sonho, muitas personagens coadjuvantes participaram ativamente, tornando a leitura da história ainda mais interessante e encantadora. Fizeram parte dele, além de Lúcia, a boneca Emília, que mesmo antes de engolir as pílulas falantes fornecidas pelo doutor Caramujo, já havia aprontado muitas estripulias; o Senhor Príncipe - um peixe -, Visconde - sabugo de milho, besouros, etc., os quais se comportavam, falavam e se vestiam como pessoas.

Nesse devaneio, esses e outros personagens, em especial, a menina, viveram momentos em que fantasia e realidade se cruzaram a todo o momento. Pois, fatos que foram narrados nos capítulos em estudo e na obra, em alguns momentos, deixaram dúvidas se Lúcia sonhou ou se realmente viveu as peripécias no famoso Reino das Águas Claras. Pode-se perceber isto no fragmento que segue:

E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. (...) Não saiu fera nenhuma, mas como a bengala fizesse cócegas no nariz de Lúcia, o que saiu foi um formidável espirro — Atchim! (...) O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse: — Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. (...) Conversaram longo tempo e, por fim, o príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. Lobato (2011, p.13-15)

Durante esse “sonho” teve inúmeros episódios em que Lúcia foi apresentada como protagonista. Um deles ocorreu quando ela aceitou, sem pensar e nem temer a tia Anastácia, o convite do Príncipe Escamado para visitar seu reino: “Narizinho ficou no maior dos assanhamentos. — Pois vamos e já — gritou — antes que tia Nastácia me chame. E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos” Lobato (2011, p.15). Apresenta-se também não só nestes capítulos, mas em toda a obra muita fantasia misturada à realidade que encanta e produz no leitor uma liberdade imaginária que além de diverti-lo também é capaz de torná-lo uma pessoa com pensamento mais crítico.

Percebe-se isso com significativa evidência ainda durante a visita que Lúcia fez à Costureira das fadas, uma aranha finíssima que não só costurava, mas tecia tecidos como nenhuma outra costureira do reino, sendo justamente ela quem fez o mais belo vestido de todos os tempos para a menina participar do baile que o príncipe ofereceu no palácio em sua homenagem. Um vestido tão lindo a ponto do espelho em que ela se olhou quebrar-se com tanta beleza, e assim, fazer-se cumprir o feitiço de uma boa fada, cujo desejo seria desfazer e dispensar a Dona Aranha do encanto que nela foi jogado por uma fada má, praguejando que ela se tornasse uma aranha e vivesse de costura o resto da vida.

Mediante o referido acontecimento, pode-se inferir que a fantasia e realidade se entrelaçam. Pois, ao mesmo tempo em que se tem uma costureira profissional dedicada e caprichosa, tem-se nessa pessoa um corpo e habilidades de uma aranha que tece não a sua teia, mas tecidos finíssimos e delicados, dignos de princesas como a menina Lúcia. Inclusive observando a prodigiosa capacidade da senhora aranha, Narizinho exclama: “_ Conheço muitas aranhas em casa de vovó, mas todas só sabem fazer teias de pegar moscas” Lobato (2011, p.23). Ou seja, este fragmento mostrou que Dona Aranha, assim como as aranhas do Sítio tinham suas características reais, mas que a costureira das fadas possuía habilidades oníricas, dignas somente de seres humanos, sendo justamente essas que tem o poder de encantar o leitor mediante a fusão do fantástico e do real que nas histórias em análise fazem-se presentes.

Depois da festa, na qual aconteceu praticamente de tudo, Narizinho levantou-se logo cedo para levar a boneca ao consultório do doutor Caramujo, pois

queria que Emília pudesse tomar suas pílulas milagrosas para que falasse. Depois das muitas sugestões dadas pelo médico e não acatadas por Lúcia, já que este disse que suas pílulas haviam sido roubadas, eis que chegou também em seu consultório um sapo com um estufamento na barriga. Isto ocorreu porque ele havia engolido as pílulas falantes do doutor, pensando serem pedrinhas, as quais o Príncipe Escamado, em represaria, por ele deixar o portão do reino desprotegido havia ordenado que engolisse. Logo que o doutor percebeu do que se tratava ficou muito feliz, pois, desse modo, poderia curar a Emília e outros pacientes que por ventura aparecessem, já que, sem as milagrosas pílulas o médico não conseguiria atendê-las.

Depois que Emília engoliu a pílula começou a falar no mesmo instante, falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca. Desse dia em diante Emília nunca mais parou de falar e, cada dia se tornou mais travessa e companheira de Narizinho. Pode-se comparar a tagarela Emília com a criança da atualidade que muitas vezes por não ter quem as escutem em casa, ou até tem, mas essas pessoas não demonstram interesse e nem participam do diálogo; na escola muitas vezes, falam demais até mesmo nas horas inadequadas.

O quarto capítulo, *O sítio do Picapau Amarelo*, iniciou contando sobre a volta de Narizinho do Reino das Águas Claras e dos “sonhos” que a menina começou a ter todas as noites com o Príncipe, Dona Aranha, Doutor Caramujo e demais figuras que conheceu por lá. A menina não podia mais ver um inseto que começava a pensar na vida maravilhosa que poderia ter no Reino. As novidades e maluquices eram tantas que Narizinho e Emília não paravam um instante de conversar e planejar um salvamento para o Pequeno Polegar. Só pararam um pouco quando souberam da vinda do menino Pedrinho para o Sítio. Este era o filho de Antonica, irmã de Dona Benta.

Enquanto Narizinho, Dona Benta e Anastácia se preparavam para receber Pedrinho no Sítio, as jabuticabeiras do sítio receberam alguns visitantes, inclusive a impaciente Lúcia que não gostou de esperar seu primo por uma semana para contar-lhe as novidades do Reino das Águas Claras. No entanto, Lúcia aproveitou para se atrepar nas jabuticabeiras, as quais também tinham outros fregueses e

muitas jabuticabas. Um deles era o guloso leitão chamado Rabicó. Este tomado de esperteza, quando via a menina subir nas árvores corria para esperar a queda dos caroços no chão, e assim se deliciar com eles.

Outros visitantes das jabuticabeiras foram às abelhas e as vespas, que certo dia ferrou Narizinho, porém isto não foi problema para que a menina voltasse a se atrepar nas árvores, chupar jabuticabas e soltar os caroços para Rabicó.

Depois de passar o dia se divertindo e chupando jabuticabas, de noite na hora de se deitar Narizinho lembrou-se de que havia deixado Emília debaixo da jabuticabeira. Logo pediu a Tia Anastácia que fosse buscá-la, a qual trouxe a boneca toda molhada do orvalho e bem enraivecida com o esquecimento da menina. Contudo, só com a promessa de um belo vestido novo, Emília voltou a ser a fiel amiga de Lúcia. Valendo salientar que para isso acontecer Emília exigiu que o vestido fosse cor de rosa com pintinhas e de saia comprida para que assim pudesse disfarçar a sujeira que adquirida no joelho.

Mediante os episódios supracitados, percebe-se explicitamente por meio do comportamento da boneca Emília atitudes muito peculiares e características das crianças. Uma delas foi à mudança repentina de conduta, a simplicidade e a esperteza tanto da boneca, quanto de Narizinho. Sendo importante ressaltar que como muitas pessoas fazem para convencer o outro de algo, oferecendo alguma coisa que para essa seja atraente, assim o fez Narizinho para voltar a ter à amizade de Emília. Esta que como muitas crianças, utilizou-se de seu poder de convencimento e argumentação para conseguir o que desejava.

De acordo com Faria (2004, p. 58), “desde cedo, a criança desenvolve estratégias para envolver, para convencer o interlocutor, sendo, portanto, portadora de uma linguagem com plena competência para a argumentação.” Assim, conforme preconiza Faria (2004), texto ficcional e realidade mais uma vez se encontram lado a lado. Pois quando na maioria das vezes uma criança se depara com um tipo de situação semelhante a do texto em análise, ela tende a assumir o papel representado por Narizinho, ou seja, de uma pessoa que faz uso do seu poder de persuasão para conseguir o que almeja.

Lúcia sugeriu à Emília que ela apenas lavasse o joelho, mas a boneca gente se recusou, argumentando que por ser de marcela poderia vir a embolar. E assim,

tendo o desejo de um dia tornasse condessa, Emília não gostaria de ser chamada de a condessa do Bolar. Diante do episódio Narizinho disse que o melhor seria fazer um vestido de calda.

Sendo também neste momento, que a menina expressou o desejo de se chamar condessa das Três Estrelinhas, Já que ela tanto gostava de estrelas. A partir de então, Emília foi nomeada a condessa das Três estrelas. Lúcia imediatamente pintou três estrelinhas na testa de Emília e comentou que todas as criaturas do mundo iriam torcesse de inveja dela. “— Todas menos uma — observou a boneca” Lobato (2011, p.40). A Emília se referiu à vespa que havia ferroadado Narizinho. A boneca contou que a vespa que picou Lúcia havia morrido e sido enterrada pelas formigas. Cujo enterro Emília contou detalhadamente.

Acabando as jabuticabas Narizinho passou a se entreter com a pescaria no rio. Muito esperta que era, convenceu a Tia Anastácia a confeccionar um anzol de alfinete para que juntamente com a sua fiel amiga Emília pudessem se divertir.

Depois de instruir a Emília e deixá-la na beira do rio com o anzol e com uma pedra no colo para não cair Narizinho foi pedir a Tia Anastácia para fritar o peixinho que ela havia pescado. Diante da desconfiança de Anastácia, Narizinho comentou: “Emília é uma danada. Ninguém imagina de quanta coisa ela é capaz.” Lobato (2011, p.43). Quando de repente Lúcia percebeu que a boneca estava se afogando. Um peixe havia engolido a isca e arrastou a boneca com pedra e tudo. Mais que aflita e depressa, com a ajuda de Anastácia Narizinho salvou Emília e percebeu que presa ao seu anzol saiu rabeando uma trairinha. Anastácia ficou abismada, atribuindo a façanha a feitiçaria. Narizinho correu eufórica para contar a sua vó, a qual quase não acreditou nem mesmo depois que Anastácia confirmou o episódio.

Somente depois que comeu o peixe frito foi que Narizinho lembrou que havia deixado a pobre de Emília no rio. A coitada havia caído no rio e quase morrido afogada, ficando toda encharcada, por isso precisou ficar um tempo secando no sol. Nesse momento, Emília com medo de ficar sozinha no varal e Lúcia sem querer ficar com ela acabaram discutindo, porém, a menina acabou cedendo e resolveu ficar com a boneca. Enquanto isso observou o corre-corre das formigas-ruivas e comentou com a boneca que lamentava não entender o que elas diziam. Emília comentou que entendia muito bem o que elas conversavam, no mesmo instante

propôs que se a menina fizesse-lhe companhia, contaria todas as historinhas que conversavam.

Desse modo aconteceu, entre uma história e outra, Emília depois de observar as formigas e Narizinho nada compreender o que elas faziam; a boneca contou-lhe que as formigas haviam encontrado uma bela minhoca perto da porteira do sítio e que ela estava precisando de ajuda. Narizinho foi verificar e de fato constatou. A menina ficou com vontade de libertar a minhoca, no entanto, a curiosidade de saber o que iria acontecer a impediu de fazer isso.

À noite já na cama para dormir, a história das formigas continuou sendo o assunto de Narizinho e Emília, valendo salientar que ambas dormiam na mesma cama. Antes, a boneca dormia numa rede entre os pés da cadeira, mas desde que aprendeu a falar se recusou, passando a dormirem juntas para conversarem.

Antes de dormir Narizinho perguntou a Emília como era que ela entendia a linguagem das formigas. A boneca se embaraçou toda para responder, deu algumas respostas sem fundamento que não convenceu Lúcia. Sendo esta a primeira vez que Emília se embaraçou em uma resposta. E finalmente foram dormir. Quando estavam no mais gostoso dos sonos chegou Rabicó avisando que havia chegado lá uma senhora ruiva que disse ter vindo trazer um presente para a Condessa de Três Estrelas mandado pela rainha das formigas.

Mais que rápido Narizinho acordou Emília, a qual despertou ariada, pensando ainda estarem conversando sobre a linguagem das formigas. Quando de fato entendeu do que se tratava, mais rápido ainda espichou os braços para receber os presentes e agradeceu dizendo: “— Diga a Sua Majestade que a condessa de Três Estrelinhas muito agradece o presente. Diga que os croquetes estão lindos e que ela é uma grande cozinheira.” Lobato (2011, p.40). Caindo em si Emília percebeu que havia cometido uma gafe. E pensou consigo: onde já viu uma rainha ser cozinheira... Procurando rapidamente corrigir-se dizendo que dissesse a cozinheira dela que esta era muito boa.

Narizinho voltando-se para Emília sugeriu que ela mandasse também um presente para a rainha. Assim foi enviado, uma perninha de pernilongo enfeitada com um laço de fita e embrulhada com papel de seda, colocando na salva um cartão

que dizia: “À sua majestade a Rainha da Cintura Fina oferece a humilde criada. Condessa de ***”. A mensageira agradeceu e retirou-se satisfeita.

Enfim chegou o grande dia da vinda de Pedrinho ao sítio, o qual mandou avisar e solicitou alguns mimos como: um café com bolinhos, que Narizinho o esperasse com Emília e Rabicó bem arrumados na porteira do sítio, etc.

Quando Pedrinho chegou não resistiu, e ainda, na porteira abriu o pacote de presentes e entregou o de sua prima, a qual para o espanto de Pedrinho, logo adivinhou qual seria o presente que ganhara; uma boneca que chorava, abria e fechava os olhos.

O presente dos demais também foi entregue ainda na porteira. Neste dia teve só alegria, brincadeira, comilança, troca de confidências entre Pedrinho e Narizinho e comentários saudosos das noites das grandes festas de São João que acontecia no Sítio do Picapau Amarelo. Além disso, Narizinho contou sobre as maravilhas ocorridas no Reino das Águas Claras e do plano de fazer de Rabicó um marques para casá-lo com Emília.

Deitaram-se todos bem tarde naquela noite. “Narizinho estava no meio dum lindo sonho quando despertou de sobressalto (...) ouviu a voz do marquês de Rabicó, que dizia: — O sol não tarda, Narizinho. Pule da cama que são horas de partir.” Lobato (2011, p.47). Pois eles haviam sido convidados para fazerem uma visita ao Reino das Abelhas ou das Vespas não sabiam bem porque o convite recebido veio rasgado num ponto.

Quando Narizinho colocou a cara na janela pediu que selassem o pangaré para que pudessem seguir viagem. Desse modo aconteceu. Viajou Narizinho, Emília, Pangaré e Rabicó, este que no meio do caminho, quando o grupo em que ele fazia parte foi assaltado pela quadrilha do Chupa-ovo logo tratou de escapar. A quadrilha tinha como chefe Tom Mix, o grande herói do cinema, que logo foi reconhecido por Narizinho. Este intimou a menina a entregar a bolsa ou a vida. Disse a menina demonstrando esperteza e que o havia reconhecido:

— Bolsa não temos, senhor Tom Mix (...) mas tenho aqui uns bolinhos muito gostosos. Aceita um? O bandido tomou um bolo e provou. — Não gosto de bolo amanhecido! — respondeu cuspidando de lado. Quero ouro de verdade!

Assim que ele falou em ouro, Narizinho teve uma idéia de gênio. Lobato (2011, p.56).

Foi nesse momento que a menina teve a brilhante ideia de descosturar a barriga da boneca e despejou toda a macela do recheio no alforje de Tom Mix. No início Emília se recusou, mas logo cedeu a façanha de Narizinho. O bandido saiu feliz da vida e a pedido da menina prometeu deixá-la livre, tornando-se o mais dedicado servidor. Tom Mix ainda acrescentou: “Nos momentos de perigo basta gritar; “Mix, Mix, Mix!” que aparecerei incontinenti para salvá-la.” Lobato (2011, p. 57). Assim continuaram a viagem tranquilamente, quando de repente lembraram-se do medroso fujão. Nesse instante Narizinho teve a ideia de se vingar de Rabicó e para isso gritou por Tom Mix. Este a quem a menina pediu que transformasse Rabicó em torresmos para ela comer no almoço do dia seguinte. Prontamente o bandido aceitou realizar o desejo dela.

Assim que deixou a menina, Tom Mix voltou ao lugar do assalto, com o intuito de seguir o rastro de Rabicó. Logo o descobriu e seguiu até a floresta onde ele estava de cabeça enfiada dentro de uma abóbora. Tom Mix chegou e, de repente agarrou o marquês por uma perna. O assaltante explicou que estava ali a pedido de Narizinho e que ela queria uns torresminhos para o almoço do dia seguinte. Logo que percebeu que estava perdido Rabicó teve a seguinte ideia: pediu que Tom lhe concedesse cinco minutos de vida para fazer o testamento. Enquanto isso, aproveitando-se do consentimento, Rabicó chamou uma libelinha que ia passando e pediu para que esta levasse uma carta à princesa Narizinho.

Enquanto esperava a resposta da carta, Rabicó dizia para si mesmo: Coragem, Rabicó, teu dia não chegará tão cedo!. Por sua vez ao mesmo tempo que ele suava o suor da morte nas unhas de Tom Mix, Narizinho e Emília chegavam ao palácio das Colmeias. As quais desejavam saber dos zangões quem havia mandado o convite para elas. Se teria sido a rainha das Abelhas ou a das Vespas. Logo um deles declarou ter sido a rainha das Abelhas. Voltando-se para um dos zangões Narizinho apresentou Emília, a senhora Condessa de Três Estrelinhas e acrescentou que ela havia sido vítima de assalto por isso estava com dificuldades para andar, assim precisava de umas muletas. Acabaram por conseguir as muletas de um besouro manco que possuía duas e que pedia esmolas para sobreviver.

Compadecida da triste vida que ele levava, Lúcia prometeu que o levaria para o sítio com ela para que tivesse uma vida tranquila e feliz.

Apoiada nas muletas e acompanhada da menina Lúcia e dos zangões, Emília entrou no palácio para a audiência. Quando nele chegaram, o espaço já estava cheio, inclusive das personagens do Reino das Águas Claras. Imediatamente se enturmaram com os convidados. Narizinho aproveitou para matar as saudades de alguns amigos do reino: do sapo, da Dona Aranha Costureira, entre outros, e também para saber das notícias locais. Inclusive, colheu algumas informações sobre a vida amorosa do príncipe. Muito lhe agradou saber que ele não havia casado e gostava de alguém que não faz caso dele.

De repente eles foram interrompidos com a entrada duma libelinha mensageira, a qual trouxe a mensagem de Rabicó. Narizinho tomou a carta e leu. Feito isto, mas depressa, Rabiscou um bilhetinho e pediu que ela levasse a Tom Mix. Quando a libelinha chegou onde estava Tom Mix e Rabicó, bem no instante em que os cinco minutos concedidos a ele iam chegando ao fim. Nesse momento, Tom Mix teve de interromper o serviço para ler o tal bilhete. Era a ordem de perdão a Rabicó. Depois de livre o leitão tratou de se informar onde se encontravam seus companheiros.

Enquanto isso, no palácio das Abelhas a menina cochichava ao ouvido da boneca como o reino era bem arrumado. Narizinho interrogava a abelhinha para que tivesse informação. E ela perguntou:

Quem é (...) que manda neste reino? A rainha? — Não senhora! — respondeu a abelha. — Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Lobato (2011, p.66)

Narizinho demonstrou interesse em ser apresentada a rainha, no mesmo instante a abelha se dispôs a realizar a apresentação. A menina foi saudada pela rainha e ambas travaram uma conversa sobre os zangões e a corte que eles faziam a rainha, bem como sobre o triste fim daqueles zangões que não fossem escolhidos para ser o marido dela. Logo Tom Mix apareceu no salão do palácio e foi ao encontro de Narizinho colocando-se mais uma vez as suas ordens, trazendo assim informações sobre Rabicó, as quais deixa Lúcia aliviada. A menina deu a próxima

incumbência a Tom, pedindo que ele arranjasse uns burrinhos de carga para levar um pouco de mel e cera para Dona Benta. Depois que ele colocou o mel sobre as cangalhas e pediu instruções, foi orientado pela menina para esperá-la no portão do palácio com os cavaleiros prontos para a viagem de volta.

Em muitos momentos da narrativa a menina assume a representação da criança sonhadora, que está a todo o momento reinventando o mundo a sua volta, nada no seu dia a dia se repete. Juntamente com Pedrinho, Emília e demais personagens da história, se permitem serem levados pelo poder da imaginação, vivendo grandes aventuras. Eles não apenas viajam para um lugar fantástico, mas trazem para a realidade deles personagens criadas em sua imaginação, como o príncipe Escamado, a Dona Aranha costureira, peixes, bonecos falantes, príncipes e fadas que convivem com eles no sítio.

De volta ao Sítio de Dona Anastácia, Rabicó, que possuía sete irmãos leitõezinhos, passa a ser visado para ir à escola, a escola do forno, tendo em vista que além dele já estar pronto para isso, dentre seus sete irmãos, só restava ele para ir ao forno. Anastácia que até o momento havia salvado Rabicó devido à proteção de Narizinho, que no dia do aniversário de Pedrinho, escondeu o porco muito bem escondido; tem pensado cada vez mais em enfiar Rabicó, este que para a surpresa de todos sempre dava um jeito de escapar.

Depois da comemoração do aniversário de Pedrinho chegou o dia do noivado de Emília, no qual a boneca gente influenciada por Narizinho aceitou se casar com Rabicó tentada pela ideia de se tornar marquesa e quem sabe um dia princesa, visto que Lúcia a iludiu dizendo que “Rabicó seria príncipe dos legítimos” Lobato (2011, p.79). O pedido foi feito pelo Visconde de Sabugosa que assumiu o papel de pai de Rabicó e de Visconde filho do rei, pelo menos foi disso que Lúcia convenceu Emília.

Eis que chegou o dia do casamento de Emília com Rabicó. Neste, a noiva ficou muito entristecida, com o comportamento do noivo, pois no meio do casamento, Rabicó assumiu seu comportamento de porco e não de príncipe como ela esperava. Isso aconteceu quando Rabicó resolveu roubar os doces da festa. Nesse mesmo instante, Emília decidiu ficar casada com Rabicó, mas separada dele para sempre.

No Ano Bom (Ano Novo) Emília, Pedrinho e Lúcia pensavam que Rabicó havia se tornado um dos pratos do jantar, mas que nada, o espertalhão, sabendo que dona Anastácia planejava torná-lo o prato principal da noite, se escondeu e deu um jeito de ludibriar um porco que encontrou num caminho. Rabicó pediu para que o porquinho fosse fazer uma visitinha no Sítio alegando que lá havia três grandes abóboras a sua espera. O inocente acreditou, quando na verdade o que lá encontrou foi à morte e o forno. Com essa façanha Rabicó se salvou mais uma vez, aparecendo no dia seguinte lampeiro da vida no terreiro do sítio. Comparando a ação de Rabicó com a de algumas atitudes de pessoas que vivem em sociedade, pode-se depreender que assim como na história, em sociedade há seres que ludibriam, enganam os outros somente para benefício próprio, e assim se livram do perigo, mesmo que isso cause consequências negativas ao outro.

Depois do casamento de Emília e do jantar do Ano Novo, Narizinho recebeu uma carta que na verdade nada mais era do que um pedido de casamento enviado pelo príncipe do Reino das Águas Claras. A menina aceitou o pedido sem pestanejar mesmo sem a aprovação de sua avó que justificou sua posição alegando que o noivo não seria gente igual a ela, mas peixe.

Chegou o dia da partida de Narizinho e de seus amigos Emília (a madrinha), Pedrinho, Rabicó, e o Visconde (o padrinho) para o Reino. Depois de algumas horas de viagem dentro do coche, uma espécie de bolha com formato de peixe, Narizinho e sua comitiva chegaram ao Reino das águas Claras para o evento do ano. O casamento do Príncipe Escamado com a menina. Participaram deste além dos convidados de Narizinho, todos os amigos do noivo. Antes desse momento tão especial, Narizinho e Emília foram à casa da Dona Aranha costureira para que esta fizesse seu vestido de casamento e outro de calda bem comprida para a madrinha. Enquanto isso, Pedrinho e Visconde foram dar um passeio pelo fundo do mar. Nesse, Rabicó acabou nas garras de um polvo, o que aconteceu porque ele pensava ser uma raiz de mandioca e tentou mordê-la. E para desespero de todos quase que o marques foi engolido pelo polvo, isso só não aconteceu porque o príncipe Escamado enviou um batalhão de caramujos rajados para salvá-lo.

Após as palavras sacramentais faltava à coroação do príncipe, nesse momento ele descobriu que a coroa feita de uma rosquinha, presente de sua noiva,

havia sido furtada. O noivo teve um acesso de cólera aponto de surrar o fidalgo que a segurava. Diante do episódio e sabendo que quando o príncipe surrava alguém era sinal de fim de mundo, todos foram embora. Narizinhos e seus companheiros voltaram para o sítio de Dona Benta. Sendo que no caminho quando pararam para descansar Emília confessou a Narizinho que viu quando Rabicó comeu a coroa do príncipe.

De volta ao Sítio, Lúcia e a boneca, sentadas à sombra das jabuticabeiras, enquanto esperavam Pedrinho voltar do mato para onde fora cortar vara para uma arapuca, recordaram o final trágico das festas do casamento. Quando de repente ouviram um miado de gato. Logo Lúcia disse parecer com o do gato Félix. A menina afirmou para Emília que esse era um gato inteligente e reinador. Nisto uma cara de gato apareceu na moita. Ele saiu sem cerimonia e se sentou no colo de Narizinho para dar-lhe um recado do príncipe.

Uma vez que Félix afirmou ter conversado com o príncipe no Reino. O gato disse a Narizinho que o príncipe mandou dizer que ainda naquele dia viria fazer uma visita ao Sítio para matar as saudades dela e conhecer sua avó. A menina sapeca como sempre, resolveu com a ajuda de Pedrinho e Emília fazer uma surpresa a Dona Benta. E assim aconteceu. Só que a surpresa foi tanta que chegou a ser transformada em medo. Pois, mesmo Narizinho, assegurando para sua avó e Tia Anastácia que o príncipe e sua corte eram “criaturinhas civilizada e muita boa educação” Lobato (2011, p.117), elas não quiseram abrir a porta para eles entrar. O príncipe ficou muito entristecido. Quando já iam embora Pedrinho os convenceu a pularem à janela. E assim, para o desespero, principalmente de Anastácia, logo a casa estava cheia de bichinhos.

Ao final do dia, conversa vai, conversa vem com o príncipe Lúcia descobriu que ele havia mandado o recado avisando de sua vinda ao sítio por uma sardinha e não pelo gato Félix, o qual enganou a todos, inclusive a sardinha que serviu de alimento para ele.

O episódio relatado provoca uma reflexão sobre confiar em estranhos, uma vez que assim como fez o gato Félix, sabe-se que há pessoas que também inventam histórias para convencer o outro a acreditar em suas “verdades”, pensando somente em si e depreciando o interlocutor.

Um dia, logo após ouvir Dona Benta contar a história do boneco Pinóquio, Emília convence Pedrinho que lá no sítio havia um pau vivente e que se ele encontrasse um pedaço desse pau, poderia fazer um boneco falante, que seria então o irmão de Pinóquio. Pedrinho acreditou na história de Emília e decidiu então sair à procura deste pedaço de pau vivente. Depois de muito procurar por esse pedaço de pau mágico e não o encontrar, Pedrinho, desconfiou da história de Emília, começou a questioná-la sobre a veracidade dessa história. Com medo de ser descoberta, Emília pediu ajuda para Visconde. Como ele sempre fazia tudo que a esperta boneca pedia, decidiu ajudá-la e se escondeu atrás de uma árvore, onde preparou uma emboscada para o menino. No momento em que Pedrinho passou pela árvore e deu-lhe uma machadada no tronco, o que fez por prazer, pela força do hábito, Visconde soltou um gemido. Pensando que fosse a árvore que estivesse gemendo Pedrinho ficou todo contente. Ao aproximar-se do terreiro da casa levando consigo um pedaço do pau, disse a Emília: “_ Achei, Emília! _ gritou o menino de longe.” Lobato (2011, p.117).

Pensando que havia achado o famoso pau vivente, quando chegou a casa o menino fez um concurso para decidir quem iria fazer o boneco. Mesmo desconfiado do pau já que apesar de gemer na mata, no momento, mesmo espetando-o não dava sinal de vida. Tal concurso foi ganho por Anastácia, e ela ficou responsável por dar forma ao pedaço de pau. A verdade foi que o boneco ficou com uma aparência horrível, e o pior, sem falar uma só palavra. Os dias passaram e o boneco, que ganhou o nome de João Faz de Conta, continuou sem falar e até chegou a ser comparado por Pedrinho com um mostro.

Um dia, “enquanto lá na floresta Pedrinho pensava no melhor meio de vingar-se da boneca, Narizinho resolvia dar um passeio pelo pomar.” Lobato (2011, p.196). A menina foi ao ribeirão dar comida para os peixinhos com o João Faz de Conta. Logo após que Narizinho sentou-se na raiz de uma árvore, recostou a cabeça no tronco e cerrou os olhos para descansar, teve uma surpresa: João Faz de Conta começou a conversar com a menina. O boneco, por sua vez, disse que: sempre fora assim, nunca mudara, quem estava sempre mudando era as criaturas humanas. Mediante a fala do boneco deduz-se que as pessoas estão sempre sendo

transformadas e transformando o mundo, adotando novas práticas sociais e costumes.

Sobre esse aspecto Vygotsky (citado por PIMENTEL, 2007, p.221), afirma que “A dinâmica de relação do homem com o meio social modifica-o e modifica o meio; o desenvolvimento resulta do intercâmbio entre o que já está internalizado (...) e o que ainda está em processo de internalização.” Isto é, para o autor o ser humano está sempre sendo modificado, bem como modifica o espaço em que inserisse e, esta mudança acontece porque ele está imerso numa sociedade que inevitavelmente acontecem às interações sociais, as quais influenciam diretamente nossas práticas sociais.

Depois de uma longa conversa com o boneco, de conhecer algumas fadas que estavam no sítio à procura de um artefato mágico e de rever sua amiga Capinha Vermelha, Faz de Conta deu um berro de desespero e apontou para o temido Barba Azul que estava passando pelo sítio naquele momento. No mesmo instante Narizinho por recomendação do boneco, fechou bem os olhos e se viu de volta à vida real no sítio com o Faz de Conta nos seus braços, mudo e morto como antes. Lobato (2011). Essa passagem da obra presume-se que a fantasia e a realidade; sonho e fato se presentificam lado a lado dando sequência aos fatos vivenciais.

Portanto, as aventuras no sítio continuavam, as crianças estavam sempre procurando novas formas para adentrarem no mundo da magia. Desta vez, o destino da nova aventura ficou por conta de Pedrinho que, ao encontrar-se com uma voz misteriosa, recebeu dela um convite para viajar até o País das Fábulas. Como passaporte para a viagem, Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde fizeram uso do pó de pirlimpimpim e, em instantes, se encontraram cercados por personagens das fábulas. Quando retornaram para o sítio e estavam a conversar, maior surpresa tiveram quando Dona Benta resolveu visitar também o País das Fábulas. Nesse momento, todas as personagens do sítio embarcaram novamente para mais uma aventura junto com as personagens de La Fontaine. Ao retornar para o Sítio do Picapau Amarelo, o menino Pedrinho acabou de vivenciar mais uma aventura, a última daquele verão, pois haviam terminado as férias e ele retornou para o ambiente urbano. O menino despediu-se de todos e voltou para sua vida na cidade.

Diante dos fatos narrados percebe-se que o Livro *Reinações de Narizinho* foi narrado especialmente para crianças, pois de fato elas foram nele representadas na figura de Narizinho, Emília e Pedrinho como protagonista de suas vivências. Isso evidencia-se quando Lobato (2011) coloca as referidas personagens atuando nos eventos narrativos e nas aventuras. Uma vez que na essência do livro percebe-se a voz e as ações dessas personagens com a voz e atitudes de criança, embora que em certos momentos, como é o caso de quando Narizinho decidiu espontânea e desafiadamente se casar com o Príncipe Escamado ela se comportou como adulto; diferentemente do que acontecia na grande maioria das histórias produzidas para as crianças até o século XX. Nas quais a voz da criança pouco se presentificava e, quando ocorria era basicamente insignificante, em relação à do adulto. Pois, esses textos geralmente estavam preocupados com transmissão de ensinamentos e não com o prazer da leitura considerando a sua estética, os múltiplos sentidos produzidos pelo texto literário, dentre outros.

Compreende-se ainda que nestes livros havia uma intertextualidade tanto de histórias quanto de personagens dos contos clássicos destinados às crianças. Com um diferencial que em *Reinações de Narizinho* esses servem de pano de fundo para as aventuras vivenciadas pelas personagens humanizadas.

4. A FANTASIA E O REAL EM ANÁLISE NOS CAPÍTULOS NARIZINHO ARREBITADO E O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Narizinho Arrebitado e *O Sítio do Picapau Amarelo* são capítulos que possuem pequenas histórias que estão interligadas, o que nem por isso impede de serem lidas aleatoriamente, haja vista que cada uma delas são repletas de encanto e significados próprios. O primeiro capítulo em discussão é constituído de sete subcapítulos: Narizinho, Uma vez..., No palácio, O bobinho, A costureira das fadas, A festa do Major e A pílula falante. Enquanto que, no segundo têm-se doze: As jabuticabas, O enterro da vespa, A pescaria, As formigas ruivas, Pedrinho, A viagem, O assalto, Tom Mix, As muletas do besouro, Saudades, A rainha e A volta.

Observa-se que nos capítulos em análise, assim como na obra *Reinações de Narizinho*, de modo mais geral, Lobato utiliza-se de alguns recursos que fazem

dela uma das obras mais envolventes e bem aceitas da Literatura Infantil. Um desses recursos é a utilização da linguagem afetiva, carregada de magia, do inusitado e de neologismos que se encontram especialmente na fala e nas ações das personagens Narizinho e Emília. Como se percebe no trecho que segue:

- Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...
- A gente é modo de dizer — replicou Emília — porque eu entendo muito bem o que dizem.
- Sério, Emília?
- Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar. Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar sinais de entendimento.
- [...]
- Que é que disse esta? — perguntou Narizinho.
- Disse que haviam descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisavam de **ajutório** para conduzi-la. Lobato (2011, p.45, grifos meus)

Nesse fragmento além de afetividade, magia e do inusitado, mais uma vez, verifica-se a presença da esperteza e da argumentação infantil representada aqui através da boneca Emília. Isso aconteceu quando ela procurou convencer Narizinho a fazer-lhe companhia, alegando que em troca contaria tudo o que as formigas conversavam. De acordo com Faria (2004, p. 53), “A escolha do argumento é feita procurando se adaptar à perspectiva do outro”. Pois é justamente o que a Emília fez, ela organizou seus argumentos com base na curiosidade que Narizinho apresentou em relação à conversa que as formigas realizaram.

Percebe-se ainda no referido fragmento que, Lobato (2011), atribuiu atitudes humanas a seres vivos irracionais, no caso, as formigas e, também a seres inanimados, como por exemplo, a boneca Emília. Conforme Khéde (1990, p.53), “ao nível da enunciação os personagens fantásticos ‘falam de mentira’. Mas ao nível do enunciado eles falam de verdade”. Assim, pode-se inferir que aqui também fantasia e realidade se cruzam, uma vez que, ao mesmo tempo em que parece se estabelecer de fato um diálogo entre a menina do narizinho arrebitado e a boneca, como pode-se constatar, do início ao fim do fragmento, faz-se importante lembrar que boneca, nem tão pouco formigas, na realidade, têm a capacidade de falar e compreender a fala do outro.

Dessa forma, a maneira como foi narrada à história faz com que os leitores sejam envolvidos pelas ações e peripécias das personagens, a ponto de, em certos momentos, acreditar-se que realmente a boneca, o Visconde de Sabugosa, entre outras personagens que habitam e visitam o sítio de Dona Benta, nomeados por Khéde (1990, p. 53), como “personagens antropomórficos” sejam pessoas.

Portanto, o modo como essas personagens se comportam, se expressam e agem faz com que em muitos momentos a fantasia e realidade se aproximem tanto que os leitores se encantem pelas “Histórias em que o sonho se mistura, muito naturalmente com o real, com o que acontece na imaginação da criança.” Held (1980, p. 18). Passando assim, a atribuir-lhes sentidos que os tornam leitores emancipados, ou seja, livres para construir e empregar inúmeros sentidos ao texto.

Em *Narizinho Arrebitado* e no *Sítio do Picapau Amarelo*, bem como, na obra como um todo Monteiro Lobato usa “o imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária.” Laplantine (2003, p. 7).

Acredita-se que nesses capítulos o imaginário tem a intenção de levar as crianças a terem um pensamento crítico quanto ao mundo que as cerca, permitindo que, ao lerem à narrativa, exercitem a reflexão conhecendo novas fontes de informações. “As forças da fantasia, do sonho, da magia, da imaginação, do mistério, da intuição, etc. são desencadeadas como novas possíveis formas de representação da experiência humana.” Coelho (2000, p. 53).

A linguagem utilizada mostra-se bem simples e bastante próxima do cotidiano das pessoas. Outro recurso que também desperta a atenção do leitor é o uso de neologismos. Pois, percebe-se a adoção dessa ferramenta linguística no referido fragmento, quando Lobato (2011, p.45) emprega a palavra *ajutório*, em lugar de ajuda. Indica-se que o uso de uma linguagem que causa um estranhamento no leitor é o fator responsável pela grande aceitabilidade da narrativa como uma arte literária capaz de envolver o leitor e, de certa forma, “emancipá-lo das limitações e das imposições de visão da vida diária” Magalhães (1987, p. 135).

Segundo Zilberman (1987, p.64),

O estranhamento advém dos artifícios empregados, e a percepção estética é intensificada no momento preciso em que a expectativa é contrariada. A

apreensão de sentido é consequência, pois, de uma relação complexa, mas o resultado é compensador, porque o efeito reverte em vantagem para o sujeito da percepção.

Ou seja, o interesse do leitor infantil e/ou adulto pelo texto se deve possivelmente à linguagem e a forma como ela é utilizada, bem como, pela expectativa e riqueza de detalhes com que a beleza dos eventos narrativos é contada, o que ocasiona as possíveis interpretações.

Assim, depreende-se também, que é justamente essa linguagem, acrescentada das descrições de aventuras fora do comum, intercaladas com a realidade das pessoas, como as narradas nos fragmentos a seguir, que fazem da obra um marco na literatura e no gosto dos leitores.

— Engula duma vez! — disse Narizinho, ensinando à Emília como se engole pílula. E não faça tanta careta que arrebenta o outro olho. Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!” E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Lobato (2011, p.16).

Acredita-se ainda, que os lugares exóticos como o Sítio de Dona Benta, o Reino das Águas Claras, e o das abelhas onde transcorre o enredo narratório, este que é composto por personagens personificadas e inusitadas, como é o caso da menina do Narizinho arrebitado, de Emília, principalmente, a “boneca de pano [...] falando que nem uma gente!...” Lobato (2011, p.38). Dentre outros figurantes da narrativa como: o príncipe Escamado, Fura bolos, Rabicó, Tom Mix, besouro manco, fazem dos capítulos em análise uma narrativa capaz de cativar o leitor profundamente, e assim possibilitar a este um leque de interpretações, que podem ou não se aproximar da realidade.

Sobre os sentidos da linguagem, Pêcheux ([1975] 1995, p. 160) afirma que não podem ser compreendidos presos aos significantes, mas constituídos a partir das “posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Para o autor, o sentido de um texto não está meramente pronto e simplesmente acabado,

mas pode ser construído mediante o jogo linguístico com que as palavras são empregadas implicitamente ou explicitamente no texto.

Nesse sentido, a naturalidade da linguagem utilizada por Lobato (2011), tanto no capítulo *Narizinho Arrebitado* quanto no *Sítio do Picapau Amarelo*, bem como, o emprego de uma sintaxe que se aproxima do discurso oral e da informalidade capta a atenção do leitor para seu mundo ficcional, estimulando-o a ver a realidade, instigando seu senso crítico, tornando-se desse modo o emprego de sentidos algo tão prazeroso para ele, que muitas vezes, o leitor atribui sentidos à narrativa e nem percebe que o faz. De acordo com Magalhães e Zilberman (1987, p.150), “essa informalidade desfaz a distância entre narrador e leitor, captando a simpatia do destinatário.” Desse modo, as características de linguagem já mencionadas e a presença do humor, recursos que a narrativa e os capítulos em análise apresentam em sua essência, funcionam como recursos lúdicos que além de fazer da história uma narrativa permeada de magia, também possibilita uma leitura atraente e conseqüentemente contribui significativamente para que as crianças despertem para uma atribuição de sentidos a partir do texto literário.

Nos capítulos em discursão, assim como na obra o leitor é levado a mergulhar juntamente com a menina do narizinho arrebitado no sonho e nas aventuras dela, e isso é mais um dos fatores que se acredita que encanta o leitor. Pois ao mesmo tempo em que a história pode trazer-lhe para a realidade de sua infância também faz com ele se divirta com as situações inusitadas e humoradas, como percebe-se nos fragmentos que seguem:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu [...]. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.[...] Narizinho ainda estava de boca aberta quando o príncipe notou que o portão não fora fechado naquele dia. [...]— observou ele com cara feia.

— Aposto que o guarda está dormindo. [...] Esse guarda não passava de um sapão muito feio [...]. O príncipe ajeitou-se para acordá-lo com um pontapé na barriga, mas a menina interveio.

—Não ainda! Tenho uma ideia muito boa. Vamos vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar. Lobato (2011, p 16).

Desse modo, evidencia-se nesse fragmento a presença do inusitado, principalmente, quando Lúcia arregala os olhos e vê um peixinho vestido de gente em seu nariz e, a presença de humor quando ela tem a ideia de vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar. De acordo com Vygotsky (1994 apud PIMENTEL, 2007, p.231), “A situação lúdica é desafiante, instiga a ação simbólica para o real ser recriado, subordinando os objetos e ações a significados lúdicos.”

Assim, nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*, percebe-se a inter-relação do real com o imaginário acontecendo também, quando personagens irracionais passam a desempenhar ações e comportamentos que no mundo real é realizado apenas por seres humanos.

É o caso da boneca Emília que ao engolir pílula, como consta em uma das citações deste trabalho, passa a falar sem parar. Nota-se também que o uso de uma linguagem diferenciada, com um tom de coloquialidade “Arregalou os olhos (...) observou ele com *cara feia*” Lobato (2011, p. 16), associada a um caráter ideológico da linguagem, como aponta Magalhães (1987) permite aos leitores dessas narrativas o embarque nos seus labirintos, o que de certa forma, conquista a consciência do leitor e sua emancipação, permitindo desse modo, que esses leitores tornem-se mais conscientes, passando assim, a interpretar os textos a partir não só do que está posto no texto, mas levando em conta o que está também implícito.

Alinhado a Pêcheux ([1975] 1995, p. 160), Bakhtin (1981) afirma que a língua não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal. Nesse sentido, observa-se no fragmento que segue que nem tudo o que é dito está explícito no discurso, mas que muitas vezes para compreender-se o que está posto no texto é preciso situar-se no contexto situacional em que o evento acontece. “O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava.” Lobato (2011, p.15). Para compreender que o narrador se referiu ao príncipe, quando menciona o peixinho e, a menina Lúcia, no momento em que falou em montanha, faz-se necessário, uma leitura contextualizada da história, bem como, aplicar significados novos as palavras que possuem um significado totalmente diferente se empregadas em outros contextos.

O jogo de palavras utilizado nesse trecho da narrativa destaca o lugar privilegiado ocupado pelo sentido em qualquer enunciado verbal. Desse modo, fica evidente que a estrutura formal da língua, por si só, é inadequada para dar conta do sentido do enunciado. Realismo, humor e imaginação literária revelam de maneira surpreendente e divertida um dos pontos principais da concepção teórica de Bakhtin, ou seja, de que as questões metalinguísticas são fundamentais na formulação de uma teoria da linguagem mais abrangente.

Portanto, têm-se não só nos dois capítulos em análise, mas do decorrer de toda a obra, evidências de uma linguagem que ao mesmo tempo em que é simples também é carregada sentidos e de humor, este evidenciado no fragmento de texto quando é narrado que o príncipe encontra o portão do Reino aberto e tem vontade de dar um pontapé no sapo que devia guardar o local, assim como quando Lúcia sugere vestir o sapo de mulher, para que todos vejam a cara dele e riam no momento em que este acordar. O uso do humor segundo Magalhães e Zilberman (1987, p.150) quebra “o distanciamento e conquista a adesão do pequeno leitor.” Já quanto aos sentidos da linguagem Pêcheux o ver como um processo de interpelação ideológica que:

fornece (...) evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. Pêcheux ([1975] 1995, p. 160)

Conforme o autor, a linguagem apresenta características peculiares que se adequam a situação comunicacional aplicada, possibilitando dessa forma ao leitor abstrair em meio aos enunciados os sentidos que realmente estejam disfarçados mediante o jogo de palavras empregado pelo produtor do texto.

5. A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR EM SALA DE AULA O TEXTO LITERÁRIO EM CONSONÂNCIA COM AS VIVÊNCIAS SOCIAIS

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa Brasil (1997, p. 29) “É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.”

Assim, nos dias atuais em que as instituições de ensino estão cada vez mais se tornando entidades responsáveis pela formação dos indivíduos, não se pode mais trabalhar a literatura dissociada da realidade social dos alunos. Nesse sentido,

faz-se necessário que nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura seja contemplado durante a exposição e discussões dos textos em sala de aula, seja na educação infantil ou em qualquer nível de ensino, tanto os aspectos ficcionais, os quais, nas obras de Literatura Infantil, geralmente se apresentam por meio de uma linguagem lúdica, como é o caso da utilizada nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*; quanto os conteudísticos, isto é, aqueles que estão voltados para a realidade social dos alunos. O que possivelmente desperta no leitor seu senso crítico e conseqüentemente sua liberdade de pensamento.

Para Frantz (2011), a Literatura Infantil assume um papel indispensável, pois ela se configura como o acesso inicial ao mundo literário. É neste estágio educacional que o ser humano, enquanto criança adentra nas inúmeras possibilidades do fazer literário:

Com o passar dos anos fui formulando algumas conclusões. Primeira: uma proposta de educação que se queira, de fato, transformado, inclusiva, democrática, emancipadora, só será possível se a escola tiver sucesso no empreendimento de formar leitores. Segunda: a literatura infantil, por seu caráter lúdico-mágico é o caminho natural, a chave que abre a porta de entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo o que ela pode nos proporcionar. Frantz (2011, p. 16 -17).

Desse modo, cabe ao professor/mediador da aprendizagem trabalhar a Literatura adotando práticas de ensino atrativas e inovadoras. Essas práticas podem se constituir com o professor realizando uma leitura com a expressividade linguística que os efeitos estilísticos de sentidos (aliterações, onomatopéias, assonâncias, entre outros) permitem que o docente adote perante uma sala de aula, para que possa cativar a atenção dos alunos, e assim possibilitar que sejam capazes de construir a autonomia de leitura e interpretação.

Nesse sentido, o mediador de conhecimentos pode colaborar com a formação do aluno, enquanto ser construtor de conhecimentos a partir da leitura de textos ficcionais, quando ele procura relacionar o texto literário com as outras artes e áreas do saber, sem deixar de lado a magia que eles carregam e torna o aprendizado prazeroso. Ou seja, não é interessante para a formação dos educandos que o texto literário seja trabalhado dissociado das outras áreas do conhecimento e nem somente mediante a leitura verbal, mas procurando também explorar outros

campos de conhecimentos que estejam relacionados com a temática abordada no texto literário.

Conforme nos coloca os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa,

O ensino da literatura ou da leitura literária (...) é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. Brasil (1997, p. 30)

Assim, ao que nos informa os PCN de Língua Portuguesa trabalhar o texto ficcional relacionando-o com as vivências sociais dos educandos se faz muito importante para sua formação. Desse modo, tendo em vista que o leitor infantil, bem como o adulto está diariamente, mantendo contato direto com os variados gêneros textuais. Pode-se acrescentar a esse trabalho a prática da releitura desse texto utilizando-se de outros recursos como: a produção de peças teatrais, poemas, resumos, contação de histórias por meio de fantoches, etc., sempre tomando como ponto de partida o texto estudado.

Pois, ao aplica-se essa prática em sala de aula possibilita-se aos alunos não só uma grande oportunidade de desenvolver habilidades de leitura, escrita, interpretação e análise linguística, mas também se potencializa essas e outras habilidades, o que contribuirá para que a aprendizagem aconteça de forma significativa e prazerosa.

Além disso, um estudo desse porte feito com os capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo* de *Reinações de Narizinho*, poderá ainda contribuir com a formação de um leitor crítico e emancipado, uma vez que ao oportunizar uma relação do texto literário com outras linguagens e vivências sociais, estará estimulando os alunos a realizar uma leitura mais apurada, e assim, perceber e empregar significados que muitas vezes somente uma leitura sem se afastar do prazer, mas, se aproximando também da realidade faz com possa-se analisar e refletir sobre algumas questões sociais, como é o caso do preconceito atribuído a

personagem Anastácia, a qual é tachada como “negra de estimação” Lobato (2011, p.15), entre outros aspectos que se presentificam no texto em estudo, seja de forma explícita ou implícita.

Por sua vez, Frantz (2011), não menosprezando o trabalho com outros tipos, gêneros e modalidades textuais, igualmente deixa claro que a leitura mais adequada às primeiras séries do ensino fundamental é justamente a leitura literária. A autora cita algumas razões convincentes para se acreditar nisso:

Acreditamos que é muito importante para o aluno a convivência com os mais variados tipos de texto, pois cada um revelará ao leitor uma faceta diferente da relação texto-mundo. Entretanto, para o aluno das séries iniciais é a leitura do texto literário a que deve predominar sobre as demais, por ser esse o texto que maiores afinidades tem com o leitor infantil, por ser um texto que envolve o leitor por inteiro, apelando para as suas emoções, a sua fantasia, o seu intelecto, e por apresentar o mundo a partir de uma perspectiva lúdico estética, aspecto esse que não se pode desconsiderar, principalmente se tratando do leitor criança. Frantz (2011, p. 33).

Nessa perspectiva, trabalhar a Literatura Infantil na atualidade, em particular, os capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo* da obra *Reinações de Narizinho* levando-se em conta o contexto social em que as crianças estejam inseridas, assim como oferecer subsídios para que elas abstraíam os sentidos que os textos literários admitem, configuram-se como sendo práticas pedagógicas importantes para a formação do leitor enquanto um indivíduo autônomo e crítico perante a sociedade. Assim “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.” Coelho (2000, p. 27).

À vista disso é importante trabalhar os capítulos em estudo em sala de aula porque como afirma o autor é por meio do texto literário que a realidade é representada, e nestes capítulos, em especial, essa é retratada mediante uma linguagem carregada de fantasia e de humor, o que sem dúvidas, além de despertar um significativo interesse/estranhamento no leitor também o constitui como um sujeito livre para empregar sentidos e refletir sobre a realidade a partir do fantástico presente no texto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a inter-relação de fantasia e realidade e, principalmente o uso de uma linguagem lúdica e humorada, é o que entusiasma os leitores a ponto de captar sua atenção, ao mesmo tempo em que o diverte. Fazendo assim, com que se tornem leitores ávidos em atribuir sentidos as histórias. Acredita-se que isso possibilita a emancipação dos leitores e contribui com sua formação, tornando-os desse modo, cidadãos mais críticos e capazes de assumir uma postura diferenciada diante da produção literária infantil.

Portanto, a análise dos capítulos indica que o emprego de uma linguagem simples, carregada de fantasia, imbuída de realidade, ou seja, próxima do cotidiano das crianças, é o que encanta e faz com que os leitores infantis, em especial, tornem-se seres cativos da história, a ponto de se apaixonar e aventurar-se nos capítulos *Narizinho arrebitado* e *O sítio do Picapau Amarelo*, o que se estende a obra *Reinações de Narizinho*.

Assim, confia-se que o estudo aqui realizado traz significativas contribuições para profissionais da área das linguagens, bem como para aqueles que têm o compromisso diário de despertar nos leitores, por meio da literatura, sua emancipação sem que estes percam o encanto e desejo de ler com prazer. Uma vez que Lobato (2011) mostra que os capítulos assim como a obra *Reinações de Narizinho* não é somente uma história ficcional, mas que além do fantástico, há uma fusão deste com a realidade, e o mais importante, que isto se apresenta mediante o uso de uma linguagem próxima das vivências de qualquer leitor. Dessa forma, ter acesso ao trabalho na íntegra faz-se recomendável para todo profissional da educação, docentes e, em específico, aos pesquisadores e estudiosos da área, tendo em vista tratar-se de um trabalho que pode levar à reflexão sobre a importância da leitura prazerosa e emancipatória.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Brasília MEC/SEF, 1997.**
- CARVALHO, Sara Fernanda de; NETO, José Elias Pinheiro. **Contextualizações do imaginário em Reinações de Narizinho**. Revista Entrelinhas – Vol. 9, n. 2, p.204-217, jul./dez. 2015,
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **Literatura arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- FARIA, Evangelina Maria Brito de. **Argumentação infantil**. Campina Grande: Bagagem, 2004.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- GRESSLER, Lori. Alice. **Introdução à pesquisa: Projetos e relatórios**. São Paulo: Layola, 2003.
- HELDER, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. (tradução de Carlos Rizzi) São Paulo: Summus, 1980.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 11ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- KHÉDE, Sonia. Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990 (série princípios)
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2011.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAM, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: _____. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 61- 134.

OLIVEIRA, Maria. Marly de. Definindo e classificando as principais formas de produzir novos conhecimentos. In:_____ **qualitativa Como fazer pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975].

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórica-cultural da educação infantil. In: FORMOSINHO, Júlia. Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko. Mochida; PINAZZA, Mônica. Appezato. (org.) **Pedagogia(a) da infância**: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artemed, 2017, p. 219-248.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global Editora, 1981. (Teses; 1).